

O EROTISMO NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA: a sensualidade nos poemas “Passeio ao Campo” e “Se tu viesses ver-me hoje à tardinha”

Maria Severina Batista Guimarães¹
Gustavo Duarte de Oliveira²

RESUMO: A primeira menção que se tem ao estudar a poetisa portuguesa Florbela Espanca, de acordo com a leitura feita através da crítica e teoria da literatura é que o teor erótico se manifesta com ênfase, como uma característica literária definidora pela tendência de sensualizar o eu feminino. Isto torna um dos traços marcantes e de grande relevância em sua arte poética. Entendendo que a sua poesia não se resume ao erotismo sequente a sensualização da entidade feminina somente, mas também a um conjunto de características preponderantes como panteísmo, pessimismo e a conjuração de uma poesia confessional. Todavia, é a partir da perspectiva erótica, que se discute nesse trabalho a poesia de Florbela de acordo com a abordagem teórica de Octávio Paz (1994) sobre o erotismo em *A dupla chama: Amor e Erotismo*, e Georges Bataille (1987), *O Erotismo*. Para o entendimento da poesia de Espanca em seu contexto e espaço literário, tem-se a discussão realizada por Rosa Maria Martelo (2006), para a reflexão da poesia portuguesa da segunda metade do século XX. Este artigo é escrito para discutir e apresentar essa característica na poesia de Espanca, tendo por base seus poemas “Passeio ao Campo” e “Se tu viesses ver-me hoje à tardinha”.

Palavras-chave: Erotismo; Florbela Espanca; Poesia.

ABSTRACT: The first mention that when studying the portuguese poetry Florbela Espanca, according to the reading made from the critic and the theory of literature, is that the erotic content is manifested with emphasis, as a literary characteristic defined by the tendency to sensitize the feminine self. This makes the features striking and of great relevance in his poetic art. Understanding that his poetry is not limited to sequential eroticism, the feeling that women are capable, the pessimism and the conjuring of a confessional poetry. It is within the erotic perspective that a Florbela poetry is discussed according to a theoretical approach of the Octavio Paz (1994) on eroticism in *The Double Flame: Love and Erotism*, and Georges Bataille (1987), *The Erotism*. For the understanding of the poetry of Espanca in its context literary space, there is the discussion held by Rosa Maria Martelo (2006), for the reflection of portuguese poetry of the second half of the twentieth century. This article is written to discuss and present this characteristic in the poetry of Espanca with the analyzes of his poems "Passeio ao Campo" and "Se tu viesses ver-me hoje à tardinha".

Keywords: Erotism; Florbela Espanca; Poetry.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1997), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2000) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2006). Atualmente é pesquisadora da Universidade Federal de Goiás e estatutário da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira Lírica Moderna, atuando principalmente nos seguintes temas: lírica, lírica, contemporânea, literatura. ensino. Experiência em literatura, ensino e poesia e ensino, leitura de poesia, formação humana. E-mail: gustavo_duartemusica@hotmail.com

² Graduado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas na Universidade Estadual de Goiás – Câmpus São Luís de Montes Belos. Pesquisador UEG/CAPES. Pós-graduando em Educação, Arte e Cultura – UEG com ênfase em Estudos Literários – Análise de Poesia Contemporânea. E-mail: gustavo_duartemusica@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que tem saudade... sei lá de quê!

Florbela Espanca

Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa no dia oito de dezembro de mil oitocentos e noventa e quatro (1894), e faleceu no mesmo dia no ano de mil novecentos e trinta (1930). Pode-se argumentar que, com trinta e seis anos de existência, a poetisa portuguesa conseguiu usar de sua vida atribulada, agitada e experienciada como ferramenta para construir uma poesia de notoriedade, mesmo com pouco tempo de produção poética. De acordo com António José Saraiva (1996), professor e historiador, Florbela Espanca é uma das mais notáveis personalidades literárias isoladas, pois dificilmente se enquadrará em uma única corrente literária. Devido a isso, é possível inferir que, por dentre os vários cruzamentos ideológicos que constituem a linha de escrita da poetiza, para construir sua linguagem, a escritora sofre influências de Antero de Quental, Verlaine e Antonio Nobre (notável na leitura de sua poesia, a abordagem de elementos estéticos que constituem sua linguagem/escrita).

Sua obra tem como principais características: uma poesia confessional, o erotismo, panteísmo, pessimismo e a feminilidade. Para as características da poetisa não ficarem alheias ao conhecimento do leitor, abordar-se-á de forma ilustrativa os aspectos que não são o alvo de análise deste artigo. Os próximos parágrafos se tratará da apresentação de cada característica predominante da poesia da poetisa em análise. O erotismo e a feminilidade são características congruentes, pois a poetisa usufrui de sua feminilidade para apresentar um teor erótico, uma vez que não se é apresentado somente dessa forma. A visão da mulher na poesia e a idealização do amado constituem também essas características, conforme será possível inferir na seção de análise dos poemas aqui, neste artigo, destacados. Erotismo, em linhas gerais, de acordo com o pensamento de Alberto Moravia (2015), é uma manifestação de características que implicam um processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes. Isto é, o erotismo choca, vai de encontro com alguns parâmetros de valores sociais, visto que, a nudez, a sensualização do corpo são

exposições que não se enquadram no entendimento social de moralidade, religiosidade ou culturalmente aprovável.

Em contraposição a atmosfera religiosa cristã predominante e acompanhada da ideologia pagã crescida na modernidade e acentuada na contemporaneidade, exerce pressão sob os tabus e estereótipos sociais e assim, sofrem um processo de reconstrução. Utilizando como margem teórica a crítica da sociedade líquida feita por Zygmunt Bauman (1999), com sua publicação *Modernidade Líquida*. A sociedade se reestruturou afluindo a sensualidade e a valorização do corpo e desejo sexual, os versos expressos por Espanca só comprovam essa realidade. O Panteísmo, numa macrovisão, com base na discussão de Forconi (et al, 2012), uma junção de ensinamentos, doutrina, que reconhece a divindade através da universalização. Ferreira (2012) explica que, panteísmo é como uma doutrina que identifica a divindade com o universo.

A poesia confessional é uma tendência poética que tem o objetivo de enfatizar e valorizar as expressões da intimidade, da vida pessoal do poeta. O confesionalismo trata de algumas temáticas específicas como doenças, medo da morte, sexualidade, depressão, introspecção do sujeito. Florbela contemplou sua poesia com essa abordagem de escrita o que a fez ser uma das precursoras dessa tendência, visto que os poetas norte-americanos só foram se manifestar através deste, que é considerado um gênero poético, nos anos 50 e 60, ou seja, aproximadamente vinte anos após sua morte. O jornalista Thiago Momm (2014) contempla a característica literária pessimismo como um selo, *certificado de qualidade da obra* a ser lida, claro, se tiver uma abordagem pessimista encrustada. Para Shiiya (et al, 2009), o pessimismo é um realce de humor, ou melhor, quase sempre apresentado com roupagem de humor frente a postura cética para com a realidade que o escritor via e registrava, mas revela a descrença dele em relação a todos os dogmas – patrióticos, ideológicos, religiosos, científicos ou filosóficos. Percebe-se no poema de Espanca, “Ao botto de Carvalho” (trecho logo abaixo), essa influência árcade de idealização da natureza:

Tarde de brasa a arder, sol de verão
Cingindo, voluptuoso, o horizonte...
Sinto-me luz e cor, ritmo e clarão
Dum verso triunfal de Anacreonte!

O pessimismo expressa como a tendência de julgar os fatos sempre pelo lado negativo, menos desfavorável, perfazendo assim uma mentalidade de um sujeito que sempre espera pelo pior. Percebe-se esse enfrentamento negativo da poetisa em seu poema “Minha Alma” (trecho logo abaixo):

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão de meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

ESPANCA E SEU CONTEXTO

Para António José Saraiva e Oscar Lopes, autores da obra *História da Literatura Portuguesa (2005)*, Florbela Espanca é uma das mais notáveis personalidades literárias isoladas, ou seja, a poetisa desenvolveu uma obra tanto poética quanto prosaica que dificilmente se enquadra numa única corrente literária, seja uma corrente dominante no seu tempo ou anterior. E, a poetisa soube construir uma linguagem muito própria, quase uma mitologia lírica, segundo a crítica. O que abrange a análise de sua obra em vertentes como, que a sua arte, os escritos de Espanca, literário/poética não possuem um reconhecimento explícito de enquadramento a um período literário específico que garante as características de sua escrita um rótulo literário como Machado de Assis possui na Literatura Brasileira, sendo enquadrado no Realismo (SARAIVA e LOPES, 2005).

Entretanto, é possível inferir que é evidente na escrita de Florbela os traços e as influências de diversas linhas literárias que fazem intersecção com o século XIX, mesmo acusando proximidades similares referentes a estética do século seguinte, o século XX. Entende-se, a propósito, que grande parte das particularidades da obra de Florbela contempla o fato de a sua estética literária se enraizar no cruzamento de várias tendências do lirismo do século passado, como: Neo-romantismo, Ultra-romantismo sepulcral, Pessimismo, Parnasianismo, Simbolismo - decadentismo (SARAIVA e LOPES, 2005). Como não há, segundo os autores, uma clara inserção no que diz respeito aos aspectos literários da escrita de Espanca, cabe aqui, uma seção de exploração e investigação

científica ao período histórico na qual a poetiza se encontra inserida na sociedade portuguesa do início do século XX.

Historicamente, a Portugal do início do século XX sofria o reconhecimento de alguns títulos literários como Neo-romantismo e Parnasianismo em sua fase Decadentista. No ano de 1919, com sua primeira publicação *Livro das Mágoas*, uma reunião de sonetos, estava recente o surto de gripe espanhola que ceifou inúmeros em outubro do ano anterior a publicação. Rezende (2007) discute em seu trabalho: “A escrita do corpo: poemas eróticos de Florbela Espanca e Gilka Machado”, que talvez fosse esta a forma do público feminino se apresentar ao mundo:

Falar do próprio corpo talvez tenha sido a forma encontrada pela mulher para se posicionar no mundo e, entendendo-se como pessoa, exprimir suas experiências e revelar a natureza dos seus sentimentos. A própria índole feminina, segundo observa Zelita Seabra, faz com que sua vida “corra, escoe, deslize muito perto das coisas”, cabendo-lhe, portanto, o fruir, o gozar daquilo que se oferece aos seus sentidos. (REZENDE, 2007, p. 03)

Como discutiu Jussara Neves Rezende (2007, p.01)

No início do século xx, em Portugal e no Brasil, respectivamente, Florbela Espanca e Gilka Machado criam versos em que dão voz à sensualidade feminina, enfatizando o corpo como o lugar em que as paixões se embatem.

Em fevereiro da mesma década eclodiu a Primeira Grande Guerra. Vale ressaltar a guerra civil entre monárquicos e republicanos em território nacional português. No ano de 1922, Florbela publicou seu soneto *Prince Charmant*, dedicado a Paul Proença na recém fundada Seara Nova. No mesmo período de publicação da poetiza, ocorre um levantamento de força militar contra o governo vigente. As obras *O Dominó Preto* (1982) e *A Máscara do Destino* (1931) foram editadas e publicadas postumamente. No período de 1927 até 1930, os últimos anos de escrita e também de vida de Florbela foram marcados por revoltas sociais como Rebelião militar, fracassada, em Lisboa e Porto contra a ditadura militar, a crise econômica mundial em 1930 e especial para Florbela, a tristeza de enterrar

seu irmão falecido por um acidente aéreo o que agravou seu estado emocional levando a uma tentativa de suicídio em 1928.

Tal contextualização aqui realizada reforça a possibilidade de fundamentar algumas das características de Florbela Espanca com base em seu contexto filosófico-político e socio-histórico. Características da poetiza como Pessimismo e Panteísmo abordados na introdução deste artigo. No âmbito do cânone literário, para Rosa Maria Martelo (2006) há uma descendência tardia para a representação do revolucionismo da poesia portuguesa que antecedeu a reforma poética de 60, mesmo levando em consideração todas as variantes para esta afirmativa. Para Martelo (2006, p.130)

Era uma descendência tardia, já que a obra do mais assumidamente modernista dos heterónimos pessoanos fora produzida entre os anos de 1913 e 1935; mas o ensaísta considerava identificável tal descendência pela “desenvoltura” de uma escrita que, a vários títulos, classificava como inovadora. O ensaio a que me reporto intitulava-se, justamente, “Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos”, e, com este título, Eduardo Lourenço sintetizava, numa equação breve, o que entendia ser o retomar de uma linha evolutiva que, embora vinda do modernismo, apenas em meados do século XX voltaria a ter continuidade ou, se quisermos retomar a imagem proposta, só então teria descendência (e a descendência é, como todos sabemos, condição de devir e não uma figura de repetição, embora desenhe uma continuidade). (grifos nossos)

Rosa Maria Martelo (2006) utiliza como ponto de referência para sua argumentação, o poeta Álvaro de Campos. Sendo um dos heterônimos mais conhecido e verdadeiro alter ego do escritor português Fernando Pessoa, a sua escrita reporta a inteira renovação da escrita portuguesa cuja temática representava o contexto histórico-geográfico da época - características como: Civilização mecânica e industrial; Atitude escândalos; Sadismo e masoquismo; Cansaço existencial, frustração; Solidão, isolamento - houve inovação na escrita poética. Condições do devir. Rosa Maria Martelo (2006, p.130) ainda discute:

Julgo ser este um ensaio absolutamente incontornável na tradição da crítica literária portuguesa, mesmo se não lhe tem sido dada a importância de que se reveste, situação a que não será alheio o facto de só em 1993 ter vindo a ser

recolhido em livro (Lourenço, 1993).¹ Que em 1966, isto é, no momento em que o conceito de pós-modernismo começava a ganhar consistência entre a crítica norte-americana, Eduardo Lourenço reconhecesse uma espécie de reatar do Modernismo numa linha em devir, na medida em que, de algum modo, ele seria filialmente continuado naquilo que nesses anos se escrevia, é, sem dúvida, um ponto que merece a nossa atenção, quer pela argumentação proposta, quer pelo facto de este pensador, particularmente atento ao devir de uma tradição de modernidade em Portugal, ter como principal objecto de reflexão precisamente aqueles romances com os quais a crítica posterior viria a fazer coincidir a emergência do pós-modernismo no romance português. (grifos nossos)

A poesia portuguesa, de acordo com a autora, obteve um grande período de não reconhecimento em sua produção literária, mas que deveria ter seu valor estimado. A autora nomeia esta ação como “condições do devir”. Condições essas que reconhecem “bem como o reconhecimento de uma nova prática de escrita ficcional onde ‘a ideologia [já] não constitui ecrã entre criador e criaturas, entre criação e leitura’” (MARTELO, 2006, p.131). Foi preciso um reconhecimento e influência da crítica norte-americana, como descrita por Martelo (2006), para a consistência histórica de produção literária da arte portuguesa retomar o seu curso de desenvolvimento. Florbela Espanca produziu na primeira metade do século XX, o que garante o seu enquadramento como uma poetiza modernista na primeira fase do século, entretanto, a sua poesia inigualável e reconhecida até mesmo pela sua excentricidade entre os poetas da época a fez enquadrar nas condições de devir e ser instaurada como uma continuação da existência da linha de descendência da poesia portuguesa.

O EROTISMO, A SENSUALIDADE E ESPANCA

Para o entendimento do conceito de erotismo e a sua aplicação na poesia de Espanca, este estudo contempla a teoria discutida por Octávio Paz (1999), na obra *A dupla chama: Amor e Erotismo* e Georges Bataille (1987), na obra *O Erotismo*. Duas abordagens teóricas com particularidades bem específicas e com pontos de análise distintos. Bataille (1987) analisa o erotismo com influência da psicanálise do sujeito e também seu processo sócio-histórico, o que garante uma perspectiva antropológica. Bataille (1987) buscou sobressair noções ligadas ao espírito humano a procura de uma possibilidade certa para

atribuir um conceito ao termo erotismo. Este é o ponto de encontro entre Georges Bataille e Octávio Paz. Paz (1999) também estrutura sua visão teórica sob uma perspectiva psicanalítica e a sua atribuição ao espírito humano está voltado pela ótica da religiosidade. De acordo com os estudos de Octavio Paz (1999), especialmente em sua obra *A dupla chama: amor e erotismo*, os sentidos nos comunicam com o mundo e, simultaneamente, encerram-nos em nós mesmos: as sensações são subjetivas e indizíveis. Para Paz (1999), o encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Nota-se essa “visão” nos poemas de Florbela Espanca, ao ler que o eu – lírico expressa o desejo de encontrar o corpo do amado

Frémido do meu corpo a procurar-te,
Febre das minhas mãos na tua pele
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

A estrofe acima citada é do soneto de Espanca – *Frémido do meu corpo*, em que claramente é percebido o anseio de encontrar o corpo do amado como disse Octavio Paz (1999) em sua obra. O eu – lírico esclarece que está “frémido” e também doido de anseio para estar em seus braços. Pode-se discutir que a questão do sentir essência é abordada por Platão. O corpo é uma construção carnal, ou seja, um sentido real da palavra, uma presença da ideia. Portanto, a questão platônica do sentir está em si explicado, o apaixonado se apega na ideia do sentido de amar alguém, ou seja, de acordo com Edil Carvalho (apud Paz, 2004) “o apaixonado vê a presença banhada pela luz da ideia; quer tê-la, mas cai na treva de um corpo que se dispersa em fragmentos”. Para Georges Bataille (1987, p.10):

É possível dizer que ele (o erotismo) é a aprovação da vida até na morte. Para falar a verdade, isto não é uma definição, mas eu penso que esta fórmula dá o sentido do erotismo melhor que uma outra. Se tratasse de definição precisa, seria necessário partir certamente da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular.

O erotismo se torna uma particularidade da atividade sexual, não representa o acasalamento por completo, mas em algo que se remete a esta prática. Bataille (1987, p.10) continua a discutir que:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução [...].

O que se pode inferir pela citação anterior destacada é que, o erotismo se manifesta não como uma prática biológica sequente a espécie, para reprodução. Mas um desejo carnal mais complexo. A psicologia da ação se manifesta em utilizar de suas atribuições para a conquista pelo simples prazer do toque ao corpo do outro. No reino animal, as espécies desenvolvem mecanismos de conquista para assegurarem a sobrevivência da espécie para seduzir o sexo oposto para o acasalamento e assegurar um dos objetivos da vivência ao meio. Na prática erótica, tem-se a mesma perspectiva. Há grande relevância em destacar o que há de mais belo e atraente para utilizar no jogo da conquista e sedução, mas a espécie não está em risco, portanto, o jogo de sedução está simplesmente voltado para conquistar o outro e obter o prazer de tocar os corpos. Não há reprodução, não há criação de novos organismos para perpetuar a espécie, somente o simples prazer de acasalar e usufruir do jogo da sedução. Por conseguinte, Edil Carvalho (2004) estende sua argumentação em refletir sobre o corpo e o desejo.

Mas há uma terrível contradição na concepção platônica do erotismo: sem o corpo e o desejo que provoca no amante, não há ascensão rumo aos arquétipos. Para contemplar as formas eternas e participar da essência, é preciso passar pelo corpo.

Portanto o Eros platônico se cria na desencarnação. O arquétipo aqui citado é o mundo das idéias, onde a imutabilidade existe. É preciso passar pelo corpo para que o amante possa desfrutar de sua idealização pelo amado.

ANÁLISE DOS POEMAS

Passeio ao Campo

Meu amor! Meu amante! Meu amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
Pele doirada de alabastro antigo...
Frágeis mãos de madona florentina...-
Vamos correr e rir por entre o trigo! -

Há rendas de gramíneas pelos montes...
Papoilas rubras nos trigais maduros...
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras
Dos caminhos selvagens e escuros,
Num astro só as nossas duas sombras...

O poema “Passeio ao Campo” está inserido no livro *Charneca em Flor* (1931), obra publicada depois de sua morte, e possui a sua estrutura semelhante à de um soneto, ou seja, dois quartetos e dois tercetos. A divisão de rimas se constitui como cruzada, ou seja, o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo com o quarto – A B A B (amigo, comigo/ divina menina). Exemplo do primeiro quarteto:

Meu amor! Meu amante! Meu amigo! - A
Colhe a hora que passa, hora divina, - B
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo! - A
Sinto-me alegre e forte! Sou menina! - B

Quanto ao conteúdo, nota-se um eu - lírico desejoso de estar com o seu amado. O eu - lírico o descreve, seu corpo esbelto e fino e afirma “Sou menina!” materializando assim uma imagem jovial de um belo corpo, uma expressão do erotismo. Oliveira (2017) discute que o erotismo, também está relacionado com o amor. O Amor que deseja, pois está relacionado ao outro. Pois, ambos: amor e erotismo se tornam a dupla chama que se

alimenta do fogo original - a sexualidade, como é discutido por Paz (1994). Mas esse entrelaçamento não impede que se trace a linha tênue que diferencia esses modos de manifestação de vida. Na poesia é percebida a visão da mulher e suas curvas, como dito no parágrafo anterior, e essa visão da jovialidade feminina perfaz a visão erótica. Há uma descrição de sua pele dourada (doirada) e de suas frágeis mãos. O eu – lírico convida seu amado para beber do tempo que se passa dentro dele, ou seja, aproveitar o máximo de tempo juntos, enquanto estão juntos. Fundamento tal idéia no seguinte verso: “Vamos correr e rir por entre o trigo!” Ela quer passar um tempo com o seu amado. O eu – lírico conclui seu poema descrevendo o espaço para o qual convida o seu amado, nas papoulas rubras nos trigais maduros e com água azulada. Há figuras de linguagem presentes no poema como metáfora: “Bebe-a dentro de mim”; apóstrofe, quando o eu – lírico chama o amado: “Vamos correr e rir por entre o trigo!” e na conclusão, outra metáfora, quando o eu – lírico mais o amado tornar um astro com suas sombras.

Se tu viesses ver-me à tardinha

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
A essa hora dos mágicos cansaços,
Quando a noite de manso se avizinha,
E me prendesses toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabor que tinha
A tua boca... o eco dos teus passos...
O teu riso de fonte... os teus abraços...
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo
E é de seda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha boca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...

“Se tu viesses ver-me” também é um poema que está inserido no seu livro *Charneca em flor* (1931). Esse poema também concerne à estrutura de um soneto, dois quartetos e dois tercetos. Quanto à rima, a métrica que condiz a esse poema é o mesmo discutido ao

anterior: cruzada, isto é, o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo com o quarto – A B A B (tardinha, avizinha / cansaços, braços). Exemplo do primeiro quarteto:

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha, - A
A essa hora dos mágicos cansaços, - B
Quando a noite de manso se avizinha, - A
E me prendesses toda nos teus braços... - B

Em respeito ao conteúdo, percebe-se um eu – lírico louco de paixão (Quando me lembra: esse sabor que tinha / A tua boca... o eco dos teus passos...), e que idealiza o amado ao seu lado, o seu reencontro com ele. O eu – lírico o deseja tanto, que começa a pensar se o veria numa tarde, se teria a possibilidade de encontrá-lo. O erotismo perfaz na descrição do beijo com a cor da seda vermelha (signo da paixão, prazer) no primeiro terceto, terceira estrofe; ao lembrar no sabor que tinha a boca de seu amado, segundo quarteto, segunda estrofe e também na vontade de se prender nos braços de seu amado, final da primeira estrofe.

Há figuras de linguagem presentes no poema como:

- Comparação: ao fechar os olhos de desejo, o eu – lírico compara a sensação como cravo ao sol.

E é como um cravo ao sol a minha boca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...

Metáfora: o fato de o riso ser equiparado a uma fonte.

O teu riso de fonte... os teus abraços...

O jogo erótico, apresentado nestes versos, é constituído entre o dito, o não dito e o imaginado. Começando em uma paisagem temporal idealizada e sensual como “tarde”, associada ao frescor do entardecer, à sombra de um sol que já não está aparente e ao refúgio do anoitecer que será a sequencia deste possível encontro. Como escreveu Neila Albertina (2017), *a noite é dos poetas, das putas e dos que morrem de amor*.

O eu-lírico deixa bem claro o que quer, diz o que quer dizer, quer ser prendida num abraço, quer ser beijada, quer ser tocada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Erotismo na poesia de Florbela Espanca se apreende como uma manifestação de pura conquista, valorização do corpo, sedução pela representação do feminino e prazer. É possível sentir esta atmosfera de sensualidade destacada no ponto anterior na leitura dos versos da poetisa portuguesa Florbela Espanca. Mesmo com pouco tempo de vida, Florbela marcou sua geração e imprimiu em seus pares o reconhecimento pela sua temática bem marcada em sua personalidade poética e a inovação de sua linguagem, ao ponto de alguns teóricos não reconhecerem a poetisa em um período literário somente, mas entremeado em uma junção artística. Com uma frente de características marcantes de sua escrita como a apresentação de uma poesia confessional, panteísmo, pessimismo, uma poesia ultrarromântica e simbólica, foi o teor erótico a base da discussão deste trabalho. Portanto, o erotismo na poesia de Florbela Espanca encena uma amostra da feminilidade em seduzir e esperar pelo seu amado, esperar experimentar os momentos que uma vez já viveu e quer desfrutar mais uma vez. Seduzir pelo seu corpo jovem e cheio de curvas, e esperar para experimentar novamente dos beijos de seu amado, o toque de seus corpos o que garante a completude do eu-lírico. Tais versos analisados neste artigo demonstram e apresentam o erotismo como um elemento marcante na sua obra.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE**, Georges. *O erotismo*. Trad. de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CARVALHO**, Edil. *Carrancas Literarias: além do Erótico*. Disponível em: <<https://carrancasliterarias.com/2015/12/um-mais-alem-erotico-sade-octavio-paz.html>> Acesso em: 22. jun. 2019.
- DAL FARRA**, Maria Lúcia. *Florbela erótica*. Cad. Pagu. Campinas, n. 19, p. 91-112, 2002 .
- ESPANCA**, Florbela. *Sonetos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 4. Ed, 2002.
- FORCONI**, Daniela Forconi; **VALE**, Fernanda do; **DELMIRO**, Ísis. Deus e Natureza O panteísmo em Florbela Espanca e em Alberto Caeiro. *Ao pé da Letra*, vol. 14.1, 2012. p. 25-39.
- MARTELLO**, Rosa Maria. Antecipações e retrospectivas: a poesia portuguesa na segunda metade do século XX. *Crítica de Ciências Sociais* [Online], 74. 2006.
- OLIVEIRA**, Gracinéa I. A poesia erótica de Lucas José d'Alvarenga. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 68, p. 187-207, Set 2017 .
- PAZ**, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994
- PICOLLI**, André Luiz da Silva. Resenha de A chama dupla: amor e erotismo de Octavio Paz. *Aletheia*, n. 17-18, Jan/dez, p. 163-165. 2003.
- REZENDE**, Jussara Neves. A escrita do corpo: poemas eróticos de Florbela Espanca e Gilka Machado. *Revista Crioula – Revista Eletrônica dos Alunos de Pós-Graduação Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa DLCV – FFLCH – USP*, n.1, 2007.
- SARAIVA**, António José. *Para a História da Cultura em Portugal*. 2^o Edição, n. 2, 3, 4. Lisboa: Gradiva, Cultura e História/Público, 1996.
- SARAIVA**, José; **LOPES**, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Editora: Porto; Edição: 17^a, 2005.
- SHIYA**, Adriana Yoshiko; **LOLLA**, Daiane Machado; **MARTINELLI** et al. *Ceticismo e pessimismo em Machado De Assis*. Evento Científico Unisalesiano – Trabalhos Completos em Anais de Eventos, 2009. p. 1-14.

TORRES, Eduardo Cintra. Quando a multidão e o amor se encontram na literatura. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 58, p. 155-173, set. 2008.